

## **A REDE AO SUL DA AMÉRICA: UM ENSAIO SOBRE A ARGENTINA E A EXTREMA-DIREITA NA INTERNET (1996-2007)**

*Por Dilton Cândido Santos Maynard[i]*

**Resumo:** Neste texto, a principal atenção está numa reflexão sobre o consumo e as apropriações do ciberespaço feitas por grupos da extrema-direita argentina. Observamos a persistência de segmentos da ultradireita identificados com os ideais fascistas, contribuintes fundamentais ao avanço do Partido Nuevo Triunfo (PNT) na web. O texto analisa como a criação em 1999 do Ciudad Libertad de Opinión, depois apenas Libre Opinión, foi proveitosa para a difusão de ideias fascistas do PNT. O sítio conseguiu agregar uma quantidade considerável de páginas intolerantes de diferentes países da América do Sul.

**Palavras-chaves:** Argentina, Internet, Extrema Direita

Neste texto, a principal atenção está numa reflexão sobre o consumo e as apropriações do ciberespaço feitas por grupos da extrema-direita argentina. O corte temporal estabelecido abarca, por um lado, momentos de amplas transformações na vida política da Argentina. O final dos anos 1990 compreende o início do processo de agudização de uma séria crise econômica, a experiência do “crralito” – o confisco da poupança -, a conseqüente chegada dos Kirchner ao poder[ii]. A chegada de uma liderança comprometida com a proposta neoliberal (Carlos Saul Ménem, 1989-1999) e a sua sucessão por políticos que discordavam frontalmente deste modelo de economia (Nestor Kirchner, 2003-2007, Cristina de Kichner), tornam o período recente da história daquela nação um instigante laboratório para se pensar os rumos da política sul-americana no tempo presente.

Também é fundamental observar que o período escolhido para análise corresponde praticamente à primeira década da rede mundial de computadores. Este mesmo período coincide com o início da popularização das redes sociais, que ganham expressividade a partir do lançamento do Myspace (2003), do Orkut e do Facebook (2004), além do Youtube (2005).

Fernand Braudel certa vez escreveu que “presente e passado iluminam-se com sua luz recíproca”[iii]. É difícil não pensar nesta afirmativa quando, décadas depois, o movimento neonazista, ao se apropriar daquilo que parece mais sedutor na rede mundial de computadores – salas de bate-papo, álbuns de fotografias, vídeos e farto material propagandístico – retomou e atualizou as estratégias de propaganda de Josef Goebells

(1897-1945). Aliás, a combinação de um apelo à tradição – representado pelos distintivos, flâmulas, rituais de iniciação, cânticos etc. – com um elogio à tecnologia cimentou as propagandas fascistas desde a década de 1920[iv]. Tal proposta, aparentemente contraditória e depois presente via www, ocorre pelo fato de que se por um lado o fascismo “ao mesmo tempo em que critica violentamente o tempo presente e constrói uma utopia regressiva voltada para o passado”, por outro não “não hesita em lançar mão dos meios mais avançados do ponto de vista tecnológico para difundir o ódio ou realizar seu domínio sobre a sociedade”[v].

Explorando o potencial da Internet, os divulgadores de ideias de ódio racial intensificaram a sua capacidade de atuação no mundo real. Exemplo disto era visto na interatividade de jogos eletrônicos como *Ethnic Cleansing*, lançado em 2002, no qual se podia escolher entre ser um membro da Ku Klux Klan ou um skinhead enquanto se matava “sub-humanos” (negros e latinos) e seus “mestres” judeus. *Ethnic Cleansing* foi o primeiro jogo produzido pela Resistance Records, uma distribuidora da National Alliance (<http://www.natall.com>), considerada a maior e mais ativa organização neonazista nos Estados Unidos. O jogo, baseado em plataforma first-person shooter como *Quake* e *Doom*, apresenta o ex-primeiro ministro israelense Ariel Sharon como o “big boss”, aquele adversário pelo qual qualquer aficionado de jogos eletrônicos tem que passar para finalizar a competição. Após matar Sharon, o usuário ouvia dele: “Filthy White dog, you have destroyed thousands of years of planning”[vi].

Esta expansão de ódio por caminhos e ambientes eletrônicos está entre os desdobramentos mais preocupantes da chamada e questionada “revolução da informação”. Para Joseph Nye Jr, “à medida que as comunidades virtuais se desenvolvem na internet, elas atravessarão as jurisdições territoriais e desenvolverão seus próprios padrões de governança. Os Estados vão se tornar menos fundamentais para as vidas das pessoas”[vii]. Estes deslocamentos no poder global exigem reflexões sobre transformação da rede em uma nova e legítima arena política.

Afinal de contas, apesar das aparências, vivendo tempos caninos, época de rápidas transformações, a rede mundial de computadores experimentou um avanço significativo nas últimas décadas, quando deixou de ser um ambiente restrito a especialistas e caiu nas graças do grande público. Antes espaço pouco visitado, os terrenos digitais, graças a transformações tecnológicas, à emergência da World Wide

Web e a avanços significativos nas concepções de interface, passaram a ser frequentados assiduamente e em ritmo crescente. Ao final da primeira década do século XXI, o ciberespaço foi colonizado. Esta ocupação do universo binário em pouco tempo revelou o papel decisivo que a rede cumpriria na vida cotidiana, inclusive na esfera política [viii].

Ao mesmo tempo, considerando que as primeiras social media, aquelas de maior expressão, aparecem a partir de 2003, em breve teremos uma década de existência de meios de comunicação que se atrelaram a momentos simbólicos do nascente século XXI. Neste curto intervalo, os ativistas de extrema-direita ganharam destaque, em primeiro lugar, pelo uso pioneiro que fizeram do ciberespaço. Percebendo a economia e a agilidade das redes, a extrema-direita logo pôs as mãos nos teclados. Ainda nos primeiros anos da Internet comercial, em 1996, o “Times” noticiava a ascensão das páginas do ódio: “racists have discovered that the Net is a marvelous way to get their message out to a huge audience at low cost”[ix]. Com a ocupação do ciberespaço, era possível evitar o muitas vezes perigoso contato frente-a-frente: “in the electronic age, face-to-face meetings are secondary importance in forging international linkages. Like the domestic groups, the international far right utilizes the Internet as well as fax machines and desktop publishing to spread the word[x].

Alguns anos depois, os atentados do 11 de Setembro mostraram ao mundo uma nova face do terrorismo, antes conhecida apenas pelas agências de espionagem. Organizações não-lineares, com ativistas atuando em um modelo de dispersão, dentro da concepção de “lobos solitários”, dificultavam o rastreamento das parcerias e a identificação da hierarquia em grupos como a Al Qaeda. Nunca é demais lembrar que os sequestradores dos aviões da American Air Lines e da United Airlines utilizaram recursos como e-mails e salas de chats para articularem o atentado, bem como pesquisaram na rede informações sobre os alvos a serem atingidos. Neste novo modelo, a tecnologia passou a ocupar um papel central, pois como observou David Talbot “a internet não é apenas uma ferramenta usada pelas organizações terroristas – ela é fundamental para suas operações. Alguns afirmam que desde o 11 de setembro, a presença da Al Qaeda on-line se tornou ainda mais forte e pertinente do que sua própria presença física”[xi].

Assim, a emergência do chamado “hate speech” no ciberespaço ofereceu a possibilidade de aproximar extremistas, conferindo a eles maior articulação[xii]. Apesar da dificuldade em classificar a imensa variedade de grupos existentes, podemos acompanhar a conceituação de “neofascistas” ou extremistas de direita, considerando a presença dos seguintes traços em todos eles: retórica de unidade racial, nacional e destino comum; convicção de um status quo ameaçado; ideias de supremacia racial; visão de mundo de utopia revolucionária que busca derrubar a ordem existente; Antiliberalismo; Anticomunismo; ódio ao outro conveniente que pode ser o judeu, em âmbito universal, mas que apresenta variações em esferas locais (nordestinos, gays, mulçumanos, latinos).

A formação desta “Family of resemblances”[xiii] – que incorpora os aspectos básicos apontados por Franz Neumann ao descrever o Estado nazista como Behemoth e Ernest Nolte e a sua noção de um “mínimo fascista” –, envolta em anticomunismo, antiliberalismo, antirracionalismo e anticonservadorismo não desconsidera a diversidade de culturas de extrema-direita, mas compreende um esforço para analisar também as possíveis variações do racismo, do antissemitismo, da homofobia e de outras manifestações de ódio ao outro através dos usos das novas tecnologias[xiv].

Considerando que a tecnologia não possui uma ideologia particular, a nossa proposta é proceder uma análise política dos extremismos de direita considerando os meios nos quais as suas ideias são veiculadas. Desta maneira, estamos colocando em destaque as modalidades culturais tomadas para a prática fascista.

O mundo pós-1990 se anunciava como inevitavelmente melhor. Contudo, a onda xenófoba e o chamado inverno neonazista (1990-91), a entrada dos EUA em novas guerras, assim como o genocídio nos Balcãs sinalizavam tempos difíceis. A novidade na emergência de neonazistas mundo afora estava no fato de que, diferente dos primeiros, os novos foram educados. Não havia uma crise econômica mundial nos moldes de 1929 ou qualquer outro vetor que repetisse a conjuntura dos anos 1920 e 1930[xv].

Cabe também lembrar que a ação de grupos extremistas já era uma preocupação de intelectuais norte-americanos desde o final dos anos 1990. Em uma série de artigos pioneiros, John Arquilla e David Ronfeldt chamaram a atenção para o problema da “Netwar”. Para estes autores, grupos fundamentalistas, movimentos sociais e milícias

estavam compartilhando uma mesma estratégia de guerrilha, ainda mais descentralizada. Um empreendimento que concebia a possibilidade de ataques aos EUA e exigia medidas defensivas[xvi].

Neste caso, portanto, falamos de um tipo diferente de organização. Ao contrário de grupos concebidos a partir de uma estrutura hierárquica, rígida, como, por exemplo, as antigas organizações leninistas. Deste modo, o conceito de “netwar” aparece com maior clareza em organizações como a Al-Qaeda, entre os zapatistas ou entre grupos extremistas do que propriamente se considerássemos grupos como Ku Klux Klan ou mesmo um Ministério. Também pelas características deste tipo de atividade, as milícias norte-americanas, assim como grupos nacionalistas e fundamentalistas têm praticado os princípios da “netwar”. Conforme Arquilla e Ronfeldt:

For example, some extreme rightist militia members in the United States have been heard to declare netwar (or netkrieg) against the U.S. government, and have organized a virtual netwaffe. Also, center-left activists operating in Mexico sometimes refer to themselves now as “netwarriors”[xvii].

O problema com as análises de Arquilla e Ronfeldt reside numa preocupante simplificação. Ao classificar numa mesma rubrica movimentos sociais, fundamentalistas islâmicos e as milícias norte-americanas, os autores perdem de vista as especificidades de tais grupos. E acabam por conduzir a uma interpretação em que ativismo é elevado a ato de guerra ou terrorismo. Ora, há diferenças conceituais e morais significativas entre a ideia de uma guerra racial e a ideia de terra para todos, por exemplo.

Por outro lado, é inegável que se apropriando da Internet, grupos de extrema-direita identificaram as brechas para se fortalecerem e encontraram um meio de comunicação seguro, atrativo e econômico. Antes, cabe lembrar que esta apropriação foi facilitada pela falta de uma legislação específica e pela própria característica supra territorial da rede, que dificultava a ação das autoridades. Lembremos que o ciberespaço não tem uma arquitetura linear. É antes um universo em contínua expansão[xviii]. E justamente esta espécie de “anomia geográfica” resulta em problema, pois o direito não acompanha a velocidade do ciberespaço. Na rede as transformações são velozes,

impedindo um monitoramento frequente pelo poder legislativo. Conforme Bauman, “o que quer que se mova a uma velocidade aproximada à do sinal eletrônico é praticamente livre de restrições relacionadas ao território de onde partiu, ao qual se dirige ou que atravessa” [xix].

Desde as primeiras manifestações cibernéticas, ainda no final da década de 1990, as ideias destes grupos eram veiculadas com estratégias de simplificação (através de slogans, por exemplo), da construção de um inimigo único, o outro conveniente que, como observou Robert Paxton, compreende uma variável que pode ser o negro, o homossexual e frequentemente o judeu[xx]. Portanto, entre 1999 e 2007, grupos sul-americanos de extrema-direita, com diferentes matizes, demonstraram as potencialidades da rede mundial de computadores. Entre eles destacou-se um site de belo nome, mas que escondia propósitos sombrios [xxi].

Em 21 de setembro de 1999, em pleno processo de explosão da Internet, apareceu o portal argentino “Ciudad Libertad de Opinión” (<http://www.libreopinion.com>). Dona do IP 190.228.30.234, registrado em Buenos Aires, em pouco tempo esta página eletrônica se tornou o mais conhecido site sul-americano de extrema-direita. O ambiente funcionou também como um servidor para páginas menores. Por isto, hospedou, até 2007, conteúdos de grupos sediados no Brasil.

O Ciudad Libertad de Opinión foi criado pelo ativista argentino Alejandro Carlos Biondini, líder do Partido Nuevo Triunfo (PNT), antigo Partido dos Trabalhadores, um subproduto político da ultradireita peronista[xxii]. Oficialmente criado em 1990, o PNT teve a sua solicitação de registro recusada pela Cámara Nacional Electoral e pela Suprema Corte da Argentina, que conforme o Clarín de 17 de março de 2009, considerou: "no se pueda legitimar como partido político a quienes incurren en apología del odio e, indirectamente, incitan a la violencia"[xxiii]. Em fins do século XX, a migração de suas operações para a rede mundial de computadores foi a alternativa encontrada para tentar angariar mais adeptos.

Desde o final dos anos 1990, o sítio foi principal articulador entre vários grupos extremistas sul-americanos. Através do Portal, por exemplo, era possível chegar ao sítio brasileiro do Combat 18, conhecido grupo neonazista. Ali, os fóruns reuniam muitos

curiosos e alguns ardorosos defensores da intolerância. Em maio de 2005, um jovem escreveu o seguinte:

“I'm living in brazil south, there are a big white community here. All the south and some other regions of brazil were colonized by europeans. (...) I live at Blumenau (...) we call it here 'Little Europe', I can assure you that 97% of the people of my city are white”.

Estabelecer-se na rede era a oportunidade para sugerir dimensões inexistentes ao Partido Nuevo Triunfo. Assim, motivando e tentando coordenar ações de grupos em várias partes do mundo, o sítio Ciudad Libertad de Opinión atuou livremente entre 1999 e 2007, quando começou a enfrentar ações de governos como o brasileiro que, através da Polícia Federal, conseguiu identificar e exigir a punição alguns dos responsáveis por páginas lá hospedadas. Antes da popularização da Internet, grupos extremistas de direita já mostravam força com ações no Brasil e na Argentina. Todavia, a instalação de organizações francamente inspiradas por ideias fascistas no ciberespaço demarca uma iniciativa nova, ainda carente de reflexões.

Mas quem é Alejandro Biondini? Filho de um líder comunista e mãe católica, antissemita confesso, Alejandro Carlos Biondini nasceu em 12 de janeiro de 1956, em Buenos Aires. Segundo ele mesmo informa, desde cedo se preparou para liderar a Argentina. Ele atuou na juventude peronista, foi voluntário nas Malvinas em 1982 e em 1983 fundou o Alerta Nacional, embrião do futuro Partido Nacionalsocialista de los Trabajadores, criado em maio de 1990, com perspectiva nazi ortodoxa, isto é, a organização se propõe a ser um êmulo do original nazista criado na Alemanha nos anos 1920.

Proibido de usar a denominação “nacional-socialista”, Biondini rebatizou o grupo de Partido Nuevo Triunfo (PNT). Após tentativas de realizar marchas, ainda em 1990, o político foi preso por propaganda nazista, quando afixou a suástica no prédio do Congresso argentino e em áreas do centro portenho. Ao ferir a lei 23.592[xxiv], o ativista, apelidado ironicamente pela imprensa do país de “pequeño führer”, ficou na cadeia por 200 dias.

Biondini teve entre os seus educadores um padre ex-SS, de quem inclusive se orgulha de ter recebido a primeira comunhão, e um tio materno chamado Américo Ott, engenheiro de voo da Aerolíneas Argentinas, descrito como alguém que “por esos años operaba como coordinador de la mensajería secreta entre el General Perón en España y la Resistencia en el país. Ott era un hombre de extrema confianza de Perón y luego fue el encargado del vuelo que trajo los restos de Evita a la Argentina”[xxv].

Fazendo questão de ter o nome ligado a Péron, Franco e à luta contra os ingleses nas Malvinas, Biondini alimenta certo mistério em torno da sua trajetória. Uma destes mistérios diz respeito à certa predestinação do líder para comandar a ressurgência nazista. Segundo ele mesmo sugere, o próprio Hitler, em meio ao eclipse do III Reich, teria olhado o mapa do mundo e, apontando para a Argentina, afirmado que dali sairia o seu verdadeiro sucessor[xxvi]. O político argentino, propositalmente, envolve-se numa aura de mistério e deixa fáceis pistas aos seguidores, como o número da sua inscrição no PNT – número 7 – assim como o do seu ídolo alemão. É também assim em cerimônias de iniciação que ocorrem nos dias 7 de agosto, dia de São Caetano, 7:07 da noite, nas quais 7 novos “iniciados” são incorporados ao grupo[xxvii].

O grupo utiliza a “cruz de São Caetano” como um dos seus símbolos oficiais. A tal cruz é interpretada como a representação do “crislam”, já que incorpora a cruz católica e a meia-lua islâmica. Em síntese, seria um ícone para a aliança entre cristãos e mulçumanos contra o judaísmo. Além disto, o mesmo recurso a uma definição mística é utilizado por Biondini, que se faz chamar “Kalki” pelos seguidores e entre os internautas. Kalki é a décima e última encarnação de Vishnu, aquele que conforme a mitologia hindu virá para colocar fim à era de trevas e a impor “la era de la recitud en la ley moral”[xxviii]. Além de uma evocação do líder como um deus, o PNT apresentou inicialmente o mesmo slogan do seu inspirador germânico: “Un Pueblo, una Nación, un líder”, tal qual “Ein volk, Ein Reich, Ein Führer” do NSDAP[xxix]. O dia oficial de criação do PNT é 20 de abril, data em que também nasceu Adolf Hitler.

Em 2004 o Partido Nuevo Triunfo teve negada a sua solicitação de registro como mais um partido em condições de participar das eleições argentinas. Biondini chegou a suavizar o discurso no programa da organização entregue para avaliação da Justiça Eleitoral. Porém, nem mesmo as 4 mil assinaturas apresentadas (muito embora a validade das mesmas tenha sido fortemente contestada) foram suficientes para a



regularização do PNT. Diferentes instituições se manifestaram contra a regularização dos nazis argentinos, a exemplo da Secretaría de Derechos Humanos, na época dirigida por Eduardo Luis Duhalde, e o Instituto Nacional contra la Discriminación (INADI), qua assim se pronunciou sobre o pleito: “exaltan la violencia, exhortan al odio contra quienes son miembros de la comunidad judía nacional e internacional, como así también reivindican al líder nazi Adolfo Hitler, las insignias del partido Nacional Socialista Alemán, todo ello en franca contradicción con los valores democráticos”[xxx].

O resultado de apontamentos como os do INADI motivou a decisão judicial negativa, impedindo assim o PNT de ganhar espaço para seu discurso xenófobo que, embora frouxamente disfarçado no texto impresso entregue para a regularização do partido, foi mantido na íntegra na internet[xxx]. Enquanto apresentou um documento impresso que posicionava o grupo como contrário a “todo tipo de racismo y antisemitismo” e deixava de lado o uso da suástica, (a ata 8/2003 do partido), Biondini e seguidores continuaram a vociferar através da página Libre Opinión a sua retórica fascista. A página do PNT continuava a acusar a existência de uma “red homosexual argentina”, classificava os judeus como “criminales de guerra, torturadores, usureros o raza de víboras” [xxxii].

A partir de mais uma negativa para a legalização do PNT, Biondini/Kalki direcionou mais esforço para a ampliação do então Portal Ciudad Libertad de Opinión como uma espécie de versão virtual do partido. Através do sítio, a netkrieg começou. Alardeando guiar-se pelos princípios éticos “Deus, Pátria, Justiça Social e Família”, o Libre Opinión ofereceu aos internautas, desde os seus primeiros momentos na rede, fartas opções de navegação: fóruns, jogos online, informações sobre a Argentina e países vizinhos através da Agencia de Noticias RED KALKI ou do Tablero de Anuncios.

Entre as notícias aparecem manipulações como aquelas referentes às mortes dos “mártires” do partido, como Luis Alberto Vera, Alfredo Guereño e René Túlian. O primeiro teria sido morto em um ritual judeu, no qual retiraram todo o seu sangue e, em seguida, jogaram o seu corpo do 9º andar no fosso de um elevador; Vera teria sido assassinado a tiros[xxxiii] sem explicação alguma enquanto Túlian foi atropelado e, lúcido, chegou ao hospital, tendo sido envenenado por um médico judeu ligado à

DAIA[xxxiv]. Todavia, fora da fantasia dos neonazis, as mortes ganham contornos diferentes da tal conspiração judia.

Alfredo Guereño, morto em 9 de Júlio de 1987, tem a sua morte descrita da seguinte maneira: “fue secuestrado, y torturado por un comando judio, le cercenaron un brazo, y arrojaron su cuerpo dessangrado desde el noveno piso por el hueco de un ascensor”. O jornalista Raul Kollmann observa que o relatório da autópsia informou 2 gramas de álcool por litro (0,6 gramas/litro já indicariam embriaguez). Havendo, portanto, consumido quase quatro vezes a quantidade de álcool necessária para se embriagar e tendo ficado preso num elevador entre dois andares, o ativista descrito como “profissional brillante, especializado em el área de la matemática cuántica y en la parapsicología”, tentou sair e, bêbado, caiu no fosso: “Ni secuestro ni asesinato ritual, ni desangramiento com fines de usar la sangre”, concluiu Kollmann[xxxv].

A morte de Vera, veterano da Guerra das Malvinas (Regimiento 25) e envolvido com atentados a cinemas em Buenos Aires – a exemplo do Normandie e do Sarmiento, sugere queima de arquivo, pois o ex-militar manipulava explosivos. O “Rambo” Vera foi abatido por policiais que teriam reagido à ameaça que ele realizou com uma granada quando foi surpreendido (o nazi estaria sendo investigado como suspeito dos atentados).

E em seu quarto foram encontrados 220g de Trotyl e dois detonadores elétricos, além de projéteis 7,62, uma imagem de Gadafi e panfletos com a sigla OAS-MRP – do mesmo tipo encontrado nos atentados aos cinemas[xxxvi]. Todavia, a quase automática culpa à conspiração judia deixa em aberto o motivo da morte de Vera.

O último “mártir” do movimento, René Túlian, então vice-presidente do PNT, recebeu talvez a narrativa mais espetacular: “una camioneta atropela al vicepresidente a cargo. Golepado pero todavia consciente, Túlian es derivado a un sanatório cuya sala de guardia estaba dirigida por um médico que, casualmente, era membro del consejo profesional de la DAIA (Delegación de Asociaciones Israelitas Argentinas), y minutos después de su ingreso falece. La posterior autopsia descubrió que había sido inyectado en el cuello con un medicamento que nunca el médico judio reveló”. Porém, a versão oferecida por Raúl Kollmann, a partir dos registros médicos, evidencia os exageros e a apropriação da morte acidental do ativista: “Túlian murió en el Hospital Argerich (a varia horas de su ingreso y no minutos, como disse el PNT). No lo atendió un médico

judío, sino la doctora Lucrecia Valdez. El accidentado tenía politraumatismo, traumatismo craneoencefálico grave y fractura leve del occipital. Ingresó en coma y sin reflejos. (...) El informe recogido en el hospital indica que lo único que se inyecta a pacientes en esa condición son reanimantes. La autopsia no descubrió ninguna sustancia tóxica”[xxxvii].

O mito da “punhalada pelas costas”, alimentado por Biondini, foi recorrentemente utilizado pelo Libre Opinión e a tentativa de formação de uma espécie de “Panteão” de heróis caídos sinaliza isto. Todavia, considerando a existência de mais de duas décadas do grupo, surgido ainda nos anos 1980, a sua parca penetração entre eleitores argentinos evidencia o fracasso das tentativas de fazer crescer o movimento.

Ao mesmo tempo, é interessante observar que a extrema-direita argentina, francamente alinhada com os fascismos, encontra dificuldades em articular blocos hegemônicos que garantam a sua inserção nas disputas eleitorais. A rivalidade conhecida entre Biondini e Alejandro Franze, líder do Partido Nuevo Orden Social Patriótico (PNOSP) ilustra bem este quadro. Biondini é acusado por Franze de ser uma agente da Inteligência argentina[xxxviii].

Através do site e dos comunicados radiofônicos, Kalki divulga um discurso xenófobo e antissemita, critica partidos de esquerda e tudo que lembre o comunismo. Porém, mais do que o discurso do “pequeno führer”, a ação do LO deve ser pensada pela capacidade que o portal concedeu, a pequenos grupos da América do Sul, de estabelecerem intercâmbios. Em uma época de redes sociais gratuitas inexistentes, nos dias da Internet 1.0, quando o Google não funcionava ainda como o grande oráculo do cibernundo, o portal idealizado por Biondini alimentou a intolerância. Sendo assim, os seus efeitos não devem ser buscados apenas na dupla sucesso/derrota eleitoral, mas exigem reflexão sobre as ramificações, as trocas de material possibilitadas pelo sítio argentino a fascistas de vários lugares, a grupos de diferentes tamanhos.

As ações das autoridades contra o site de Alejandro Biondini não conseguiram impedir a proliferação de “páginas de ódio” na América do Sul. A chegada da Web 2.0 ofereceu novas ferramentas de ativismo. A facilidade para a produção de weblogs, a sedução produzida pelas redes sociais como My Space, Orkut, Youtube e, mais

recentemente, pelo Facebook e Twitter possibilitou um repertório maior e mais sofisticado aos extremistas.

Os fascismos que infestam a internet da Argentina a partir do final da década de 1990 preocupam, agriem e difundem o ódio ao diferente. Embora não tenham assumido posições em postos-chaves dos governos e tenham sido combatidos com contundência pelas autoridades, ativistas como Alejandro Biondini deixam escapar certo apoio de setores entranhados na máquina governamental que ele mesmo diz combater.

Portanto, indubitavelmente a criação em 1999 do Ciudad Libertad de Opinión, depois apenas Libre Opinión, foi proveitosa para a difusão de ideias fascistas. O sítio conseguiu agregar uma quantidade considerável de páginas intolerantes de diferentes países da América do Sul. A Argentina, havendo experimentado um processo de privatização e modernização das telecomunicações, contou com preços mais baixos para a criação e manutenção de páginas eletrônicas. O mesmo pode ser dito para os preços dos seus computadores.

### **Considerações finais**

Na Argentina, a combinação das reformas promovidas ainda no primeiro governo Méнем, que transformaram o panorama da economia nacional e baratearam as comunicações – mas ao mesmo tempo aprofundaram as diferenças sociais, promoveram deslizamentos no poder aquisitivo e na qualidade de vida de parte significativa da população – aliada à persistência de segmentos da ultradireita identificados com os ideais fascistas, propiciou o avanço do Partido Nuevo Triunfo na web. Porém, a fraca penetração social deste grupo foi evidenciada pelas derrotas sofridas na Justiça e pela pouca ressonância das marchas e eventos por eles convocados.

Nem o PNT e seu concorrente mais próximo, nem o Partido Nuevo Orden Social Patriótico (PNOSP), encabeçado por Alejandro Franze, conseguiram alistar a milhares de seguidores como pretendiam. Os poucos envolvidos, porém, cumprem papel semelhantemente à juventude hitlerista na Alemanha do III Reich. Eles são os cachorros loucos, os aterrorizadores, os detratores da oposição nas madrugadas e, frequentemente, os responsáveis pela guarda pessoal dos fascistas engratados.

Porém, a permanência de práticas fascistas como analisadas neste texto indicia que “em algum momento a educação – não só o ensino da história – mas, todo o processo educativo, falhou! A escola não soube, ou não pode com seus meios, evitar o nazismo (de novo)!”, ou seja, como diagnostica Francisco Carlos Teixeira da Silva, a ressurgência dos fascismos “é uma derrota da escola”[xxxix]. E enquanto os historiadores cerravam os olhos, ao final da última década do século XX, num tempo em que se esperava ser o começo de um longo período de paz e harmonia entre os povos, a intolerância ganhou espaço através de jogos eletrônicos, músicas, fotografias, planos de ataque, revisionismo histórico, ofensas e agressões físicas a judeus, imigrantes, negros, homossexuais e todos os demais “inimigos naturais” do homem branco ariano.

### Referências Bibliográficas

ARQUILLA, John and David Ronfeldt. **Conceptual Outlines. The Advent Of Netwar.** Santa Monica, CA: RAND Corporation, 1996.p.277 <[http://www.rand.org/pubs/monograph\\_reports/MR789](http://www.rand.org/pubs/monograph_reports/MR789)>;. Also available in print form. Acesso em 05/08/2011.

BACK, L, KEITH, M, SOLOMOS, John. Racism on the Internet: mapping neofascist subcultures in cyberspace. BJØRGO, T., KAPLAN, J. (Orgs.). **Nation and race: the developing Euro-American racista subculture.** Austin, TX: Northeastern University Press, 1998. p.73-101.

BLOCH, Marc. **A estranha derrota.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOBBIO, Noberto. **Dicionário de Política.** Trad. João Ferreira, Carmem varriale et alli. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade.** Trad. Maria Luiza X. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CHAUVEAU, Agnès, Tétart, Philippe. **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

COHEN, Daniel J., ROSENZWEIG, Roy. **Digital History: a guide to gathering, preserving, and presenting the past on the web**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006.

FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, Agnès, Tétart, Philippe. **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p.103-118.

GABLE, Gerry, JACKSON, Paul (Orgs). **Far-Right.com: nationalist extremism on the Internet**. University of Northampton: Northampton, 2012.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HOBBSAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1870: programa, mito e realidade**. Trad. Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KOLLMANN, Raúl. **Sombras de Hitler: la vida secreta de las bandas neonazis argentinas**. Editorial Sudamericana: Buenos Aires, 2001

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

Luis Alberto. **Breve História Contemporânea de la Argentina (1916-2010)**. 3ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.

MAYNARD, Dilton (Org.) **História, neofascismos e Intolerância: reflexões sobre o Tempo Presente**. São Cristóvão/rio de Janeiro:Edufs/Luminárias, 2012.

MAYNARD, Dilton. **Intolerância em rede: apropriações da Internet pela extrema-direita (1999-2009)**. Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 5, Nº10, Rio, 2010

MAYNARD, Dilton. **Escritos sobre História e Internet**. Rio de Janeiro: FAPITEC/Luminárias, 2011.

MILMAN, Luis, VIZENTINI, Paulo Fagundes. **Neonazismo, negacionismo e extremismo político**. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2000.

NATIONAL Alliance Video Game Promotes Violent Race War.  
<[http://www.adl.org/learn/extremism\\_in\\_america\\_updates/groups/national\\_alliance/national\\_alliance\\_video\\_games.htm](http://www.adl.org/learn/extremism_in_america_updates/groups/national_alliance/national_alliance_video_games.htm)>; acesso em 17/03/2008

NEUMANN, Franz. **Behemoth: the structure and practice of national socialism, 1933-1944**. Chicago: Ivan R. Dee/United States Memorial Museum, 2009

NYE JR, Joseph. **O futuro do poder**. São Paulo: Benvirá, 2012.

PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. Trad. Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2007.

POLICE Arrest White Supremacists in Southern Califórnia.  
<[http://www.adl.org/learn/news/Arrest\\_Suprem\\_Cal.asp](http://www.adl.org/learn/news/Arrest_Suprem_Cal.asp)>; acesso em 19/03/2008

POLÍCIA fecha 400 cibercafés no Irã  
<<http://idgnow.terra.com.br/idgnow/internet/2001/05/0049>>; acesso em 18/02/2005

POLÍCIA prende skinheads que agrediram judeus no Sul. Agência Estado  
<<http://noticias.aol.com.br/brasil/fornecedores/age/2005/05/14/0003.adp>>; acesso em 14/05/2005.

QUITTNER, Joshua, STAMPER, Chris. **Home pages for hate**. Time. Jan. 22, 1996.  
<[www.time.com/time/.../0,9171,983994,00.html](http://www.time.com/time/.../0,9171,983994,00.html)> Último acesso 20/08/2011.

RIDGEWAY, James. **Blood in the Face: The Ku, Klux, Klan, Aryan Nations, Nazi skinheads, and the Rise of a New White Culture**. 2 ed. New York: Thunder's Mother Press, 1995.

ROSENZWEIG, Roy. Scarcity or Abundance? Preserving the past. In: **Clio Wired: the future on the past in the digital age**. New York: Columbia University Press, 2011.

SALAS, Antonio. Diário de um skinhead: um infiltrado no movimento neonazista. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Planeta, 2006.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **O retorno: é primavera em Zwickau, Alemanha.** Carta Maior. Disponível on line via <[http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna\\_id=5423](http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=5423)>; acesso em 24/01/2012.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Neofascismo. **Boletim do Tempo Presente**<[http://www.tempopresente.org/index.php?option=com\\_content&task=view&id=34&Itemid=124](http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&task=view&id=34&Itemid=124)> acesso em 29/03/2008.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. O debate do Holocausto como paradigma da intolerância. **Revista Eletrônica Carta Maior.** < [www.cartamaior.com.br](http://www.cartamaior.com.br)> acesso em 28/03/2008; disponível também via <[http://www.tempopresente.org/index.php?option=com\\_content&task=view&id=1467&Itemid=124](http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&task=view&id=1467&Itemid=124)> acesso em 29/03/2008.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. O século XX: entre luzes e sombras. In: **O século sombrio: uma história geral do século XX.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.p.1-25.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **O Terceiro Reich: o Império do Terror.**

CABRAL, Ricardo, MUNHOZ, Sidnei, SILVA, F.C.Teixeira da. **Impérios na História.** Rio de Janeiro: Elseviers, 2009.

TALBOT, David. **Terror's Server - How radical Islamists use internet fraud to finance terrorism and exploit the internet for Jihad propaganda and recruitment.** **Technology** Review.<[http://www.technologyreview.com/articles/05/02/issue/feature\\_terror.asp?p=0](http://www.technologyreview.com/articles/05/02/issue/feature_terror.asp?p=0)>; Último acesso em 09/06/2005.

**USUÁRIOS de internet chineses enfrentam muralha invisível.** <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,MUL286708-5602,00.html>> acesso em 20/03/2008.



## Notas

[i] Professor do Mestrado em História da Universidade Federal de Sergipe – Brasil/Professor Colaborador do Mestrado em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil/Grupo de Estudos do Tempo Presente. E-mail: [dilton@getempo.org](mailto:dilton@getempo.org); >[dilton@getempo.org](mailto:dilton@getempo.org). O artigo resulta de pesquisa realizada com o apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe - FAPITEC/SE e do CNPq através dos editais FAPITEC/SE /FUNTEC /CNPq Nº 10/2009 e Edital Nº 04/2011, Programa Primeiros Projetos (PPP).

[ii] Ver: ROMERO, Luis Alberto. Breve História Contemporânea de la Argentina (1916-2010). 3ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.

[iii] BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais. Revista de História. V.30, ano 16, p.261-294, 1965.p. 275

[iv] Robert Paxton nos lembra que coisas como a nostalgia rural alimentada pela propaganda fascista, da qual o Duce de peito nu em meio à colheita é o melhor exemplo, contrastava com o culto às máquinas: “os líderes adoravam seus carros, aviões velozes e difundiam sua mensagem usando técnicas de propaganda e de cenografia fulgurantemente modernas”. PAXTON, Robert. A anatomia do fascismo. Trad. Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2007.p.30

[v] SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. O debate do Holocausto como paradigma da intolerância. Revista Eletrônica Carta Maior. < [www.cartamaior.com.br](http://www.cartamaior.com.br)> acesso em 28/03/2008; disponível também via <[http://www.tempopresente.org/index.php?option=com\\_content&task=view&id=1467&Itemid=124](http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&task=view&id=1467&Itemid=124)> Último acesso em 29/03/2008.

[vi] "Cão branco sujo, Você destruiu milhares de anos de planejamento"(tradução livre). Cf. NATIONAL Alliance Video Game Promotes Violent Race War. < [http://www.adl.org/learn/extremism\\_in\\_america\\_updates/groups/national\\_alliance/national\\_alliance\\_video\\_games.htm](http://www.adl.org/learn/extremism_in_america_updates/groups/national_alliance/national_alliance_video_games.htm)>; Último acesso em 17/03/2008



[vii] NYE JR, Joseph. O futuro do poder. São Paulo: Benvirá, 2012.p.152

[viii]MAYNARD, Dilton. Escritos sobre História e Internet. Rio de Janeiro: FAPITEC/Luminárias, 2011; CASTELLS, Manuel. A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Trad. Maria Luiza X. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

[ix] "Racistas descobriram que a Net é uma forma maravilhosa de levar sua mensagem a um público enorme a baixo custo". Tradução livre. QUITTNER, Joshua, STAMPER, Chris. Home pages for hate. Time. Jan. 22, 1996. <[www.time.com/time/.../0,9171,983994,00.html](http://www.time.com/time/.../0,9171,983994,00.html) >Último acesso 20/08/2011.

[x] "Na era eletrônica, encontros cara a cara tem uma importância secundária na formação de alianças internacionais. Como os grupos domésticos, a extrema-direita internacional utiliza a Internet, bem como máquinas de fax e da editoração eletrônica para espalhar a palavra a palavra". Tradução livre. RIDGEWAY, James. Blood in the Face: The Ku, Klux, Klan, Aryan Nations, Nazi skinheads, and the Rise of a New White Culture. 2 ed. New York: Thunder's Mother Press, 1995.p.21

[xi] TALBOT, David. Terror's Server - How radical Islamists use internet fraud to finance terrorism and exploit the internet for Jihad propaganda and recruitment. Technology Review.<[http://www.technologyreview.com/articles/05/02/issue/feature\\_terror.asp?p=0](http://www.technologyreview.com/articles/05/02/issue/feature_terror.asp?p=0) >; Último acesso em 09/06/2005.

[xii] BACK, L, KEITH, M, SOLOMOS, John. Racism on the Internet: mapping neofascist subcultures in cyberspace. BJØRGO, T., KAPLAN, J. (Orgs.). Nation and race: the developing Euro-American racista subculture. Austin, TX: Northeastern University Press, 1998. p.73.

[xiii] Para uma discussão sobre os fascismos ver: PARADA, Maurício (Org). Fascismos: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad, 2008. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, VIANA, Alexander Martins. Dicionário crítico do pensamento da direita: ideias, instituições e personagens. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2000; NEUMANN, Franz. Behemoth: the structure and practice of national socialism, 1933-1944. Chicago: Ivan R. Dee/United States Memorial Museum, 2009; KERSHAW, Ian.

Hitler, the Germans, and the final Solution. London/Yale University Press, 2008;  
PAXTON, Robert. A anatomia do fascismo. Trad. Patrícia Zimbres e Paula Zimbres.  
Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2007.

[xiv] BACK, L, KEITH, M, SOLOMOS, John. Racism on the Internet: mapping  
neofascist subcultures in cyberspace. BJØRGO, T., KAPLAN, J. (Orgs.). Nation and  
race: the developing Euro-American racista subculture. Austin, TX: Northeastern  
University Press, 1998. p.76

[xv] HOBSBAWM, Eric J. A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991). 2 ed.  
Trad. Maria Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995; SILVA, Francisco  
Carlos Teixeira da. O século XX: entre luzes e sombras. In: O século sombrio: uma  
história geral do século XX. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.p.1-25.

[xvi] Arquilla, John and David Ronfeldt. Conceptual Outlines. The Advent Of Netwar.  
Santa Monica, CA: RAND Corporation, 1996.p.277  
<[http://www.rand.org/pubs/monograph\\_reports/MR789](http://www.rand.org/pubs/monograph_reports/MR789)>;. Also available in print form.  
Último acesso em 05/08/2011.

[xvii] Por exemplo, alguns membros de milícias de extrema direita nos Estados Unidos  
têm declarado netwar (ou netkrieg) contra o governo dos EUA, e organizaram uma  
“netwaffe” virtual. Além disso, ativistas de centro-esquerda que operam no México às  
vezes referem-se a si mesmos como "netwarriors". Tradução livre. The Advent Of  
Netwar. Santa Monica, CA: RAND Corporation, 1996. p.277  
<[http://www.rand.org/pubs/monograph\\_reports/MR789](http://www.rand.org/pubs/monograph_reports/MR789)>;. Also available in print form.  
Último acesso em 05/08/2011.

[xviii] LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed34, 1999.

[xix] BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as conseqüências humanas. Trad. Marcus  
Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.p.63

[xx] PAXTON, Robert. A anatomia do fascismo. Trad. Patrícia Zimbres e Paula  
Zimbres. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2007

[xxi] MILMAN, Luis, VIZENTINI, Paulo Fagundes. Neonazismo, negacionismo e extremismo político. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2000.

[xxii] KOLLMANN, Raúl. Sombras de Hitler: la vida secreta de las bandas neonazis argentinas. Editorial Sudamericana: Buenos Aires, 2001.p.101

[xxiii] La Corte Suprema le negó la personería jurídica a un partido nazi. <http://edant.clarin.com/diario/2009/03/17/um/m-01879057.htm> último acesso 12/12/2012.

[xxiv] Conforme a legislação argentina, Biondini feriu, no mínimo a Ley 23.592 em seu artigo 3, que explicita: “Art. 3: Serán reprimidos con prisión de 1 mes a 3 años los que participaren en una organización o realizaren propaganda basados en ideas o teorías de superioridad de una raza o de un grupo de personas de determinada religión, origen étnico o color, que tengan por objeto la justificación o promoción de la discriminación racial o religiosa en cualquier forma. En igual pena incurrirán quienes por cualquier medio alentaren o incitaren a la persecución o el odio contra una persona o grupos de personas a causa de su raza, religión, nacionalidad o ideas políticas”. <<http://www.apadeshi.org.ar/leyantidiscriminacion.htm>>; Último acesso em 20/11/2012.

[xxv] Metapedia: Biografía de Kalki. <<http://www.biondiniargentina.org/?cat=5>>; Último acesso em 20/11/2012.

[xxvi] KOLLMANN, Raúl. Sombras de Hitler: la vida secreta de las bandas neonazis argentinas. Editorial Sudamericana: Buenos Aires, 2001.p.23

[xxvii] KOLLMANN, Raúl. Sombras de Hitler: la vida secreta de las bandas neonazis argentinas. Editorial Sudamericana: Buenos Aires, 2001.p.21

[xxviii] KOLLMANN, Raúl. Sombras de Hitler: la vida secreta de las bandas neonazis argentinas. Editorial Sudamericana: Buenos Aires, 2001.p.22

[xxix] Cf. KOLMANN, Raúl. Los neonazis usan maquillaje. Página 12. 24 dic.2003. Acceso em 20/07/2012. <<http://www.pagina12.com.ar/imprimir/diario/elpais/1-29682-2003-12-24.html>>;. Ver ainda: KOLMANN, Raúl. Un parate legal para el partido del pequeño führer. Página 12. 20 de oct. 2003.

<<http://www.pagina12.com.ar/imprimir/diario/elpais/1-27043-2003-10-20.html>>;.

Último acesso em 20/07/2012.

[xxx] KOLMANN, Raúl. A loz nazis les dicen “nein”. Página 12. 7 feb.2004.

<<http://www.pagina12.com.ar/imprimir/diario/elpais/1-31220-2004-02-07.html>>;.

Último acesso em 20/07/2012.

[xxxii] Ver texto de KOLMANN, Raúl. LA JUSTICIA NO ACEPTO LEGALIZAR AL PARTIDO NAZI. Página 12. 10 mai. 2004. In: Argentina: un giudice nega la legalizzazione di un partito neonazista. <http://www.peacelink.it/latina/a/4881.html>.

Último acesso em 12/09/2012.

[xxxiii] KOLMANN, Raúl. Los neonazis usan maquillaje. Página 12. 24 dic.2003.

Último acesso em 20/07/2012. <<http://www.pagina12.com.ar/imprimir/diario/elpais/1-29682-2003-12-24.html>>;.

[xxxiiii] Ver: <<http://web-beta.archive.org/web/20040615155657/http://pnt.libreopinion.com/vera.htm>> Último acesso em 20/12/2011.

[xxxv] Ver: <<http://web-beta.archive.org/web/20040603204219/http://pnt.libreopinion.com/tulian.htm>> Último acesso em 20/12/2011.

[xxxvi] KOLLMANN, Raúl. Sombras de Hitler: la vida secreta de las bandas neonazis argentinas. Editorial Sudamericana: Buenos Aires, 2001.p.98-99

[xxxvii] KOLLMANN, Raúl. Sombras de Hitler: la vida secreta de las bandas neonazis argentinas. Editorial Sudamericana: Buenos Aires, 2001.p.106

[xxxviii] KOLLMANN, Raúl. Sombras de Hitler: la vida secreta de las bandas neonazis argentinas. Editorial Sudamericana: Buenos Aires, 2001.p.109

[xxxix] KOLLMANN, Raúl. Sombras de Hitler: la vida secreta de las bandas neonazis argentinas. Editorial Sudamericana: Buenos Aires, 2001.p.201

[xxxix] SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. O retorno: é primavera em Zwickau, Alemanha. Carta Maior. Disponível on line via <  
[http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna\\_id=5423](http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=5423)>; Último acesso em 24/01/2012.